

AS VONTADES, O DINHEIRO E O DESENCANTAMENTO: UM ENSAIO SOBRE A TRADIÇÃO SOCIOLÓGICA ALEMÃ

THE WHISHES, THE MONEY AND DISENCHANTMENT: AN ESSAY ABOUT GERMAN SOCIOLOGICAL TRADITION

Felipe Ramos Garcia¹

Resumo: A atual crise estrutural do capitalismo deixa em crise também a sociologia. Tal crise nos impulsiona para uma análise dos clássicos da sociologia, sobretudo alemã, para compreendê-la. Este breve ensaio tem como objetivo a análise das concepções de modernidade presentes nas obras de Ferdinand Tönnies (1855-1936), Georg Simmel (1858-1918) e Max Weber (1864-1920). Deste modo, será exposto através da observação das obras dos autores, as diferenças e semelhanças entre suas formulações teóricas. A proposta é ressaltar a contribuição das matrizes teóricas desses autores para a sociologia de um modo geral.

Palavras-chave: concepção de modernidade; tradição sociológica alemã; crise da sociologia.

Abstract: The current structural crisis of capitalism in crisis also makes sociology. This crisis propels us to an analysis of the classics of sociology, especially German, to understand it. This brief essay aims to analyze the conceptions of modernity in the works of Ferdinand Tönnies (1855-1936), Georg Simmel (1858-1918) and Max Weber (1864-1920). I will demonstrate, through observation of the works of the authors, the differences and similarities between their theoretical formulations. The proposal is to highlight the contribution of these theoretical frameworks authors for sociology in general.

Keywords: concept of modernity; german sociological tradition; the crisis of sociology.

Este artigo tem como objetivo discorrer sobre as diferentes concepções de modernidade de três autores clássicos da sociologia alemã: Ferdinand Tönnies (1855-1936), Georg Simmel (1858-1918) e Max Weber (1864-1920). Tal análise centra-se na compreensão das elaborações teóricas a partir do impacto que cada autor teve na construção do pensamento sociológico. Nesse sentido, convém apontar, preliminarmente, a discussão sobre a modernidade, enquanto perspectiva conceitual e referência histórica, na medida em que é nesse contexto que se desenvolve a sociologia enquanto ciência. O processo da modernidade ocorreu de forma complexa, heterogênea e de diferentes formas nos diversos grupos sociais, de modo que, como aponta Jessé de

1 Bacharel e mestre em Ciências Sociais pela UNESP/FFC-Marília. E-mail: feliperamosgarcia@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-9767-1449>.



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

Souza (2000), é possível empreender a vertente sociológica da modernidade histórica no plural, dentre de processos de “modernidades”. A sociologia é produto desse processo da modernidade, tão logo é natural que ela surja na intenção de compreender como se desenrolou tal processo.

A Alemanha teve características singulares em seu processo de modernidade, diferente do restante da Europa. Sua unificação ocorreu apenas em 1871 e expôs claras diferenças sociais, culturais, religiosas e na língua dos recém-chamados alemães. Embora a longo prazo a unificação alemã tenha sido uma consequência das revoluções de 1848 que ocorreram na Europa, seu processo de unificação demanda uma análise muito mais apurada. A sociologia surge nesse período conturbado historicamente e nasce, sobretudo, com o papel de compreender as recentes transformações pela qual a sociedade atravessava na modernidade.

A sociologia surge na Alemanha como ferramenta para compreender sua unificação tardia, os processos que a conduziram e suas consequências. Os três autores trabalhados neste ensaio tiveram no bojo da sua produção teórica o contato com o processo de unificação, por isso suas formulações teóricas, particularmente, têm como catalisador o agitado momento que a Europa e, sobretudo a Alemanha estavam atravessando. A modernidade e o contexto histórico daquele período têm profundo impacto na vida dos autores e relação direta com suas respectivas obras.

Como em toda Europa, não havia ainda na Alemanha uma tradição sociológica. Esse dado é importante para constatar que o processo de pensamento da sociologia não se deu, assim como o da modernidade, de forma passiva. A sociologia enfrentou resistência e sofreu hostilidade em seu germe. A missão de nossos autores era a de estruturar e institucionalizar a sociologia enquanto ciência e, para isso, produziram suas obras a partir de seu universo particular: a Alemanha no contexto da modernidade do século XIX e XX.

O contexto alemão, novamente, era diferente do contexto de sua vizinha, França. O progresso científico, sobretudo na sociologia, estava em vias de consolidação na França enquanto na Alemanha a oposição à nova ciência era uma dura realidade. O positivismo já estava fazendo escola, inclusive fora da Europa, no Brasil, por exemplo, e influenciando várias esferas, desde religião à política. A vanguarda alemã desprezava a complexidade da razão e ancorava sua interpretação na velha tradição filosófica idealista. Os velhos filósofos alemães concebiam essa racionalização sociológica como aproximações teóricas grosseiras. Essa relação entre o idealismo alemão, estruturado no pensamento alemão, é analisada por Max Weber:

As estruturas do pensamento da ciência são um domínio subjetivo de abstrações artificiais, que com mãos ávidas buscam extrair sangue e sumo da vida real, sem, todavia, jamais conseguir. (LEPENIES, 1996, p. 244)

Havia uma grande preocupação em relação à busca pela “essência da vida” no pensamento clássico alemão. Tal preocupação exerceu influência na sociologia alemã, que herda os preceitos do idealismo filosófico. Na tradição filosófica alemã, a vida tem uma essência imaterial, que seria a consciência individual, sendo necessária uma profunda sensibilidade para empreender tal essência. Essa sensibilidade, segunda a tradição alemã, é particular dos filósofos. O idealismo sugere que apenas a filosofia e a arte permitem o alcance da essência humana. A sociologia traz uma atmosfera nova ao pensamento alemão em seu discurso científico e se distancia do entendimento imediato dos homens e do mundo. Os pilares do idealismo alemão, Kant e Hegel, vincularam-se a uma perspectiva de análise da natureza sensível humana e procuram alcançar o espírito humano, como salienta Hegel:

Por isso, se a filosofia faculta as ideias, a experiência os dados, podemos finalmente obter a física em geral, que espero das épocas vindouras. Não parece que a física atual consiga satisfazer um espírito criador com é, ou deve ser, o nosso. (HEGEL, 2009, p. 4)

Esta tradição idealista influencia a sociologia alemã, e encontra-se presente, sobretudo, nas formulações teóricas de seu expoente inicial, Ferdinand Tönnies (1855-1936). Iremos verificar que este autor cria suas categorias sociológicas imensamente influenciadas por esta tradição. Para ele, a ontologia do ser social encontra-se nas vontades humanas, mas discutiremos sobre essa influência e sua formulação mais adiante. Por essa forte tradição arraigada no pensamento alemão, a ciência social enfrentou, como já descrito, grande resistência. Os sociólogos eram inicialmente considerados como “homens destituídos de sensibilidade poética que procuravam criar formas para o etéreo, tornar estático o dinâmico, o fluido e fugidio pulsar da vida” (ARENARI, 2007, p. 23).

A sociologia talvez tenha sido a mais hostilizada das ciências na Alemanha (ARENARI, op. cit.). Esse fato explica, talvez, a singularidade da sociologia alemã e os grandes distanciamentos nas obras dos autores clássicos e contemporâneos do período. Além de Tönnies, dentre os sociólogos alemães, George Simmel (1858-1918) compõe a representação desta sociologia nascente, que tenta de maneira falha, inicialmente, se desvincular da tradição filosofia alemã. Max Weber (1864-1920) se distancia mais do que seus colegas dessa tradição, já que sua obra demonstra a consolidação da sociologia enquanto ciência, não só na Alemanha, mas no mundo ocidental. Sua análise da

modernidade na Alemanha é marcada pela sua visão decadente e de descontentamento com mundo.

O processo da modernidade na Alemanha tem, portanto, uma dimensão trágica que marca a peculiaridade da sociologia alemã e retrata a via marginal percorrida pela ciência social. A impulsão desses autores em discorrer sobre o que vem a ser essa nova realidade reflete o envolvimento com o novo contexto. Tanto Tönnies quanto Simmel e Weber são produto de uma sociedade em transformação, em processo de modificações estruturais na vida cotidiana, na sociedade, nas instituições políticas e nas visões de mundo. Tais características fazem com que suas obras sejam voltadas à compreensão e interpretação desse fenômeno segundo suas próprias formulações teóricas, características às especificidades de cada um. Continuaremos a reflexão tratando da obra de Ferdinand Tönnies e sua concepção de modernidade.

A CONCEPÇÃO DE MODERNIDADE EM FERDINAND TÖNNIES: AS VONTADES HUMANAS

Ferdinand Tönnies (1855-1936) foi um sociólogo alemão pioneiro da sociologia na Alemanha e responsável pela fundação da Sociedade Alemã de Sociologia. Tönnies lutou, ao lado de Simmel e Weber, pelo reconhecimento da sociologia enquanto ciência e, embora seja um autor pouco lido, sua obra exerceu profunda influência na tradição sociológica alemã e, por consequência, na sociologia de modo geral. Sua obra é considerada clássica dentro do pensamento sociológico alemão sendo indispensável para compreensão do curso da teoria sociológica. Em sua obra distinguia três tipos de sociologia: a pura, a empírica e a aplicada (MIRANDA, 1995).

Em sua principal obra, *Comunidade e Sociedade*, Tönnies faz uma reflexão sobre o que chama de “teoria das vontades”, pautado na relação entre ação e vontade humana. Trata-se de um livro de sociologia pura, ou seja, uma reflexão sobre conceitos aplicados na análise empírica, um livro conceitual de elaboração de tipos ideais dentro do panorama sociológico da modernidade (MIRANDA, 1995). Sua interpretação da modernidade vincula-se ao impacto do que chama de Sociedade (*Gesellschaft*) sobre o que chama de Comunidade (*Gemeinschaft*), ou seja, das relações societárias em contato com as relações comunitárias. Tais conceitos serão melhores elaborados a seguir.

A interpretação que Tönnies tem da modernidade é, a princípio, a de que ela corrompe relações ditas essenciais à natureza humana. Para ele, a ontologia do ser social está nas vontades humanas. Tönnies define vontade como sendo um processo de interações humanas naturais e orientadas por instintos (punções) como reprodução e nutrição, por exemplo. A partir dessa formulação, divide a vontade em vontade natural (*Wesenwille*) e vontade arbitrária (*Kürwille*). A vontade natural seriam as ações oriundas de um sentido de conservação, seria a vontade humana em seu estado mais natural.

Uma união configurada numa vontade natural é caracterizada como comunidade. A grosso modo, para exemplificar essa formulação inicial acerca da vontade natural, a família é um bom exemplo. As relações dadas no seio da família, em seu germe, são naturalmente dadas, não são refletidas pelo sujeito e sim apreciadas. A vontade arbitrária seria, para Tönnies, a vontade humana guiada por representações ideais e artificiais sobre os homens. Tais representações transcendem a atmosfera “orgânica”. Quando a vontade natural assume um caráter deliberativo, ou seja, não natural em si mesma, se dá na união de homens em sociedade. Para sanar a dificuldade da compreensão da obra de Tönnies é necessário retroceder brevemente em sua biografia, encontrada no livro organizado por Orlando de Miranda (1995).

Tönnies nasceu num reduto de camponeses independentes alemães, uma coletividade física e emocional presente num sistema quase feudal. A região agrária de nascimento do autor era marcada por fortes laços comunitários e, em contradição a isso, sua família se dedicava às atividades capitalistas de comércio e aplicação na Bolsa de valores. Tal contexto da vida do autor tem a contradição de tradições comunitárias feudais com a modernidade trazida pelo capitalismo. O apego às tradições, ao campo e a solidariedade camponesa em contradição com a vinculação à moderna sociedade caracteriza, como destaca Miranda, a personalidade de nosso autor. Com essa leitura fica clara sua inquietação teórica: o impacto da modernidade e das relações promovidas por ela nessas relações comunitárias, familiares e seculares. A modernidade para Tönnies caracteriza-se pelas relações que não são dadas naturalmente.

O autor não tem a preocupação de discutir o conceito de família, mas deixa claro que para ele é característica de uma vontade natural, o que implica em definir que é naturalmente dada. Porém suas formulações acerca da teoria das vontades vão além e Tönnies contrapõe a vontade natural com a vontade arbitrária. Afirma que as relações movidas pela vontade natural são intrínsecas e tem valor em si mesmas, já as relações movidas por uma vontade arbitrária são estabelecidas socialmente, motivadas por finalidades exteriores e pautadas na relação entre meios e fins.

Ferdinand Tönnies, em sua exposição sobre comunidade e sociedade, afirma que um corpo comunitário, uma comunidade, existe muito antes da constituição dos indivíduos em sociedade. Em Tönnies comunidade é a forma mais antiga de organização da coletividade, sendo anterior a sociedade, na qual se refere como sendo o mais recente fenômeno da Modernidade. Assim, afirma:

Comunidade é antiga, sociedade é nova, como fenômeno e como termo [...] Pode-se compreender a comunidade como um organismo, e a sociedade como um agregado mecânico e artificial. (MIRANDA, 1995, p. 232)

Em sua obra, os conceitos de comunidade e sociedade são matrizes de sociabilidade, padrões estabelecidos por Tönnies para a compreensão do fenômeno da modernidade. São matrizes morfológicas de sociabilidade pautadas nas vontades. O modelo de vontade predominante é essencial na determinação das relações sociais, aponta as formas de organização, moral e morfológica dos sujeitos envolvidos. As relações comunitárias fundamentam-se nas disposições grupais, quer sejam por relações de autoridade, como ocorre com pais e filhos, por exemplo, ou por relações de companheirismo, caracterizada pela inclinação emocional recíproca e pelo mútuo conhecimento íntimo. Fica evidente a maior atenção dada por Tönnies às relações comunitárias, como se estivesse, talvez, defendendo-as. É característica de sua obra tal preocupação dado modelo de sociabilidade na qual nasceu. Elaborar sobre como se dão as relações comunitárias e a “invasão” das relações societárias, produto da modernidade, ao modelo natural é uma necessidade de Ferdinand Tönnies.

Trazendo brevemente o autor para o contexto atual, com o auxílio da tradução do professor Florestan Fernandes, podemos observar e identificar as relações na descritas pelo autor:

As vontades humanas se encontram em relações múltiplas entre si. Cada uma dessas relações é uma ação recíproca que, enquanto exercida de um lado, é suportada ou recebida do outro. Essas ações se apresentam de tal maneira que tendem ou à conservação ou à destruição da vontade ou do ser opostos: são positivas ou negativas. A presente teoria e os objetos de sua pesquisa concernirão apenas às relações reciprocamente positivas. Cada uma dessas relações representa uma unidade na pluralidade e uma pluralidade na unidade. Compõe-se de exigências, compensações e ações que passam e repassam e que são consideradas como expressões das vontades e de suas forças. O que age de uma maneira homogênea para dentro ou para fora, chama-se associação. (FERNANDES, 1998, p. 96)

Tönnies se fundamenta na leitura que teve de Marx e argumenta sobre a relação entre campo e cidade. Concebe o Estado como a expressão do capital e, por consequência, da modernidade. Considera que o processo se agrava na medida em que o comércio capitalista se expande, como nos mostra Miranda:

O processo torna-se completo à medida que a troca de mercadorias se generaliza, torna-se social, colocando cada um sua mercadoria à disposição de todos. [...] Em seguida, pela troca, cada um se desembaraça dos valores que não pode utilizar, para se apropriar de um valor equivalente que possa utilizar. (MIRANDA, 1995, p. 256)

Esse aparente romantismo, no que se refere a sua formulação sobre comunidade, não é por acaso: é herança da tradição idealista e do romantismo alemão. Embora Tönnies apresente limitação teórica e metodológica, a atualidade de

sua obra se faz presente. O autor entende que a modernidade corrompeu as relações comunitárias, porém não consegue observar para além do fenômeno da modernidade. Desprovido de uma discussão metodológica, própria de seus colegas franceses, Tönnies não se aprofunda em descobrir as causas da dicotomia comunidade/sociedade. Vê na modernidade a causa dos conflitos das vontades humanas que tem como expressão maior a *Kürwille*. Embora carente de uma reflexão metodológica mais aprofundada, a concepção de modernidade de Ferdinand Tönnies avança para seus colegas na tradição alemã, que ampliam a concepção.

A CONCEPÇÃO DE MODERNIDADE EM GEORG SIMMEL: A QUESTÃO DO DINHEIRO

Georg Simmel (1858-1918) foi um sociólogo alemão que, juntamente com Tönnies e Weber, fundou a escola sociológica alemã. Embora hoje seja reconhecido como importante autor da sociologia, por sua importante obra, Simmel teve dificuldade em se destacar na academia alemã em seu tempo. Ocupou-se em descobrir os padrões de interação social particulares às formações, a chamada microsociologia: para Simmel a tarefa da sociologia não seria estudar a “macrossociedade”, mas sim determinados aspectos dos fenômenos que são encontrados nas diferentes formações sociais. Simmel notabilizou-se pelo estudo das diferentes formas de associação e identificou processos de conflito e cooperação, de subordinação e poder, de centralização e descentralização que atravessam as mais variadas estruturas sociais. Para Simmel, as formas sociais encontradas no real não são puras.

Simmel tem uma concepção de modernidade interessante: analisa como categoria fundamental de sua construção, o fenômeno do dinheiro. Observa que a vida em sociedades urbanizadas, trazidas pela modernidade, gera consequências psicológicas nos indivíduos que dividem os espaços urbanos das cidades. Simmel compara a luta do homem primitivo com a natureza para sua autopreservação com a do homem moderno, que para ele é uma luta entre o individual e o social, o indivíduo e a sociedade. Simmel chama esse indivíduo característico da modernidade como metropolitano. Tal fato é característico das cidades, pois é onde a economia monetária está constituída. É através do dinheiro que, na modernidade, as pessoas têm ao seu alcance tudo o que desejam e, a partir daí os objetos começam ser destituídos de essência. Simmel afirma:

Isto não significa que os objetos não sejam percebidos, como é o caso dos débeis mentais, mas antes que o significado e valores diferenciais das coisas, e daí das próprias coisas, são experimentados como destituídos de substância. Elas aparecem à pessoa blasé num tom uniformemente plano e fosco; objeto nenhum merece preferência sobre o outro. (SIMMEL, 1976, p. 16)

O autor alemão passa a dedicar sua obra à compreensão do fenômeno do dinheiro. Concebe o dinheiro como a engrenagem do capitalismo, como o equivalente geral, essencial para realização do valor e a principal característica da modernidade. Debruça-se sobre o motivo pelo qual o dinheiro toma essa dimensão na sociedade moderna e os desdobramentos que isso traz. Nesse sentido destaca que a modernidade trouxe consigo um incremento dos meios: o ser humano possui necessidades objetivas e a modernidade fornece uma variedade de meios para que sejam saciadas. O caráter assumido pelo dinheiro tem suas origens no aprofundamento da utilização desses meios. O dinheiro é um simples meio que, na modernidade, característica pela imposição dos meios frente aos fins, passa a determinar a dinâmica social. Simmel destaca que a automatização dos meios frente aos fins (sendo o dinheiro o principal meio) é uma característica da natureza humana. Essa é uma característica do idealismo alemão ainda presente na sociologia alemã expressa em Georg Simmel.

Ainda sobre o dinheiro, Simmel afirma que, pelo incremento dos meios, o poder depositado à “coisa” faz com que a coisa ganhe o sujeito. Qualquer semelhança com o pensamento de Marx não é mera coincidência, uma vez que o autor, assim com Tönnies, leu a obra de Marx, mas nem de longe pode ser considerado um marxista.

Neste sentido, Simmel afirma que os objetos, as coisas, perdem seus valores de uso e só prevalecem os valores de troca, equivalentes com o dinheiro. O dinheiro torna-se o equivalente das coisas e também dos homens e as pessoas acabam por não se interessar pela individualidade do outro. Simmel dirá: diz:

[...] o dinheiro torna-se o mais assustador dos niveladores. Pois expressa as diferenças qualitativas das coisas em termos de “quanto”? [...] arranca irreparavelmente a essência das coisas, sua individualidade, seu valor específico e sua incomparabilidade. (SIMMEL, 2005, p. 16)

Simmel observa ainda na modernidade uma diferença entre a cultura objetiva (ligada aos objetos) e cultura subjetiva (ligada à cultura dos sujeitos). Destaca que na modernidade há um crescimento muito maior da cultura objetiva em relação à cultura subjetiva. A causa deste fenômeno na modernidade seria a divisão do trabalho e sua crescente especialização, que por sua vez causa uma alienação ao sujeito trabalhador que, como propõe Karl Marx, não se enxerga no resultado final de seu trabalho.

Georg Simmel destaca também, em sua concepção de modernidade, que nas sociedades pré-modernas havia uma relação mais íntima entre o indivíduo e seu círculo social, que seja através de vínculos de caráter político, corporativo ou religioso. Na modernidade essas relações são destruídas. Tal afirmação é uma clara referência à obra de Ferdinand Tönnies. Nesse sentido o dinheiro proporciona uma liberdade

singular aos sujeitos, que se desvinculam dos laços característicos, como um elemento de “separação”, como mostra:

O dinheiro como unificador e separador de interesses. “O caráter objetivo” do dinheiro torna o que é diferente igual. Justamente porque ele é impessoal ele é capaz de unir o que é próprio de cada indivíduo. [...] como o abismo entre o interior e o exterior cresce cada vez mais, o incremento da liberdade interior é concomitantemente ao incremento do nivelamento exterior. Quanto mais o homem moderno é nivelado no mundo exterior, mas ele se recolhe a sua interioridade. (SIMMEL, 2005, p. 27-28, grifo do autor).

Ainda para completar sua concepção de modernidade, tendo no dinheiro sua característica mais marcante, o autor destaca:

O dinheiro é vulgar porque é o equivalente para tudo e para todos; somente o individual é nobre; o que corresponde a muitas coisas corresponde ao mais baixo entre elas e reduz, por isso, também o mais alto para o nível do mais baixo. E a língua tem razão, por isso, quando chama de impagável o que é muito especial e assinalado. (SIMMEL, 2005, p. 31)

Portanto, a concepção de modernidade para Georg Simmel está diretamente ligada à economia monetária. Nesse sentido, o dinheiro seria semelhante à representação religiosa de Deus (SIMMEL, 2005). Afirmando, como recorda Lima (2012, p.156) “O que há entre deus e o dinheiro é uma correspondência psicológica, uma analogia justamente, pois os efeitos que ambos causam e as sensações que oferecem a seus devotos são iguais” (apud SIMMEL, 2005, p.36). Na sociologia de Simmel o dinheiro possui papel central na modernidade e é por meio dele que os padrões de sociabilidade passam a ser determinados.

A CONCEPÇÃO DE MODERNIDADE EM MAX WEBER: O DESENCANTAMENTO COM O MUNDO

Max Weber (1864-1920) foi outro importante sociólogo tradição alemã, o último autor considerado clássico dessa tradição. Weber viveu um período de disputas sobre a metodologia das ciências sociais que começavam a surgir na Europa, sobretudo na Alemanha. Nascido em uma família burguesa Weber foi desde pequeno incentivado à leitura dos clássicos da filosofia. Sua vida caracterizou-se pelo trabalho acadêmico. Passou por um período de perturbações nervosas, dado grande volume de trabalho. Após esse período publicou ensaios sobre a objetividade nas ciências sociais e a primeira parte de “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, que se tornou sua obra mais conhecida e é de fato fundamental para a reflexão sociológica.

Weber, assim como os outros autores tratados neste artigo, tem como objeto de análise a época da modernidade. Para Weber a principal característica da modernidade é a racionalidade e a burocracia. Enquanto os outros autores cunharam a produção de sua obra no final do século XIX, Weber teve sua principal obra produzida no início do século XX. Sua obra apresenta os problemas advindos do capitalismo. O Racionalismo e o individualismo são, para o autor, os principais elementos modernidade, que serão trabalhados por ele.

Em seu livro “A Ética protestante e o Espírito do Capitalismo” Weber afirma que o capitalismo sempre existiu na história humana, bem como o desejo de acúmulo de capital. A diferença do que ele chama de capitalismo moderno é a ideia de lucro capitalista. Nesse sentido a particularidade do capitalismo na modernidade é a racionalidade, expressa no trabalho livre assalariado. Para Weber o trabalho assalariado é uma condição para o surgimento da modernidade. A racionalidade só pode existir com o trabalho livre, diferente de outros tempos, onde a forma de trabalho era predominantemente escrava ou servil. O capitalismo assume assim sua postura moderna pela racionalidade implantada a ele. O desenvolvimento econômico capitalista é impulsionado pelo Estado e pela utilização de avanços científicos.

Weber afirma que a burocracia é a expressão da racionalidade no Estado, sendo o este então, o fio condutor da modernidade. Para ele o Estado moderno detém o poder físico e institucional, e é responsável pela estrutura da modernidade, manifestando a racionalidade através da burocracia.

Em um Estado moderno, o verdadeiro poder está necessária e inevitavelmente nas mãos da burocracia, e não se exerce por meio de discursos parlamentares nem por falas de monarcas, mas sim, mediante a condução da administração, na rotina do dia-a-dia. (WEBER, 1997, p. 39).

Para Weber a Reforma Protestante é o marco da modernidade, pois foi quando, historicamente, houve uma racionalização no comportamento dos indivíduos. A religião protestante seria uma condição para a modernidade, já que opõe o racionalismo à tradição católica. A herança da reforma foi o aumento no valor do trabalho, este como algo obrigatório para a vida religiosa. Para explicar melhor, Weber recorre ao calvinismo a partir de sua doutrina da predestinação: Deus presenteava, com Sua graça, os homens; Deus escolhia os predestinados. Todavia, não havia como saber, em vida, se ele era ou não predestinado, por isso o trabalho era uma forma de alcançar tal graça.

Nesse sentido, a ética protestante, motor da modernidade, ganha uma particularidade ao defender uma conduta individual pautada em métodos racionais. A religião objetiva, racional e disciplinada orientou a vida do indivíduo a partir da

Reforma. A modernidade mudou a forma de conceber o trabalho e trouxe novos modelos de relações entre os indivíduos, tornando as relações racionais e objetivas.

Muda, portanto, uma forma de perceber e encarar o mundo, muda a forma como a cultura ocidental se vê, a sua especificidade em relação a todas as outras culturas e civilizações. Para usar a linguagem de Weber, constitui-se o seu racionalismo específico: o racionalismo de dominação do mundo. O racionalismo de dominação do mundo é a entronização da razão instrumental como princípio básico e fundador da sociedade ocidental moderna. (SOUZA, 1994, p. 137)

Para completar a breve explanação sobre a concepção de modernidade em Max Weber, o autor apresenta a ideia de *desencantamento com o mundo*, característica da própria modernidade. Weber salienta que na idade antiga, os seres humanos criavam explicações “mágicas” pautadas em simbolismos místicos e sobrenaturais para explicar os fenômenos que não eram compreendidos. Com a racionalização da modernidade, a evolução da ciência e o progresso técnico, os indivíduos passaram a abandonar tais recursos irracionais e pautarem-se na racionalidade. Nesse sentido, Weber afirma que houve um desencantamento com o mundo.

AS VONTADES, O DINHEIRO E O DESENCANTAMENTO: AS CONTRADIÇÕES E A REAFIRMAÇÃO DOS CONCEITOS

Após essa análise acerca da concepção de modernidade na teoria clássica da sociologia alemã, as contradições são evidentes. Ferdinand Tönnies, o sociólogo romântico alemão, produz sua análise fundamentando-se nas vontades que produzem as relações humanas e determinam os padrões de sociabilidade. Tal análise é carente de um método que responda às origens do tipo ideal elaborado pelo autor. Mesmo sua discussão não sendo propriamente utilizando o método sociológico, a necessidade de uma complexificação maior de seus conceitos é patente. Apesar de sua fragilidade teórica, Tönnies é, talvez, o mais importante, pois funda a escola sociológica alemã.

Georg Simmel, por sua vez, avança na sociologia erguida por Ferdinand Tönnies e analisa com perfeição o fenômeno do dinheiro, que, segundo ele, é a essência da modernidade. Porém, comete o mesmo equívoco do colega: o da superficialidade da análise do fenômeno, carente da apreensão da essência, da “coisa em si” (KOSIK, 2010). Em sua análise procura compreender as consequências desse fenômeno nos padrões de sociabilidade, tal como seu predecessor. A peculiaridade de seu trabalho está na profunda análise, mesmo que no plano fenomênico, do dinheiro. Embora tropece na mesma pedra do idealismo alemão, Simmel é um dos mais completos autores, proporcionando o avanço dessa corrente de pensamento e propagando suas formulações.

Max Weber é, sem dúvida, o mais reconhecido pelo seu trabalho, não por menos, produziu uma obra consistente e que, de fato, consolidou a sociologia alemã. Sua concepção de modernidade se vincula na racionalidade fincada pelo capitalismo, fio condutor das relações sociais e dos padrões de sociabilidade. Como seus colegas, dedica-se a compreensão da realidade ao seu redor pela lente da sociologia. O avanço no método de análise é importante na consolidação da sociologia na Alemanha. Durante sua vida, teve como principal interlocutor Karl Marx, não obstante, vinculou seu pensamento de forma a propor uma oposição ao método de marxista. A exaustão de seu debate e a genialidade de sua obra resulta em uma teoria de fundamental importância para compreensão da modernidade.

A atualidade da obra desses autores também ocorre. Se trouxermos a obra “Comunidade e Sociedade” para nossos dias, encontraremos com facilidade exemplos do confronto entre relações comunitárias e societárias, vide o advento das redes sociais como padrão de sociabilidade que, se relacionarmos com a obra, encontraremos as evidências de uma relação societária. A afirmação de Tönnies de que a modernidade se caracteriza pelo predomínio dessas relações em detrimento das relações familiares, ainda persiste e reafirma a modernidade. Com a obra de Georg Simmel não é diferente. Sua afirmação de que a característica da modernidade é o dinheiro, como unificador e separador de relações, como determinante das relações e dos padrões de sociabilidade, ainda é uma presente realidade no atual contexto. A concepção weberiana da racionalidade intrínseca à modernidade também persiste.

Dessa forma, a reflexão das obras clássicas é uma necessidade para a compreensão da realidade atual. O fenômeno da modernidade ainda é presente, embora aperfeiçoado e pleno vapor. Os clássicos ainda se fazem fundamentais para apreensão do real. A tradição sociológica alemã herda o idealismo, porém não se reduz a ele, cria formulações e um método importante na tradição burguesa. Do outro lado da corrente sociológica, de modo geral, está a obra de Marx, cujo pensamento, mesmo anterior cronologicamente, demonstra uma profunda oposição metodológica e teórica. Em suma, a tradição sociológica alemã demanda uma análise profunda e a modernidade é o objeto dessa tradição. Embora divergentes em seus personagens principais na modernidade, esses autores trazem um arcabouço fundamental para qualquer sociólogo.

REFERÊNCIAS

ARENARI, Brand & MIGLIEVICH RIBEIRO, Adélia Maria. **A modernidade sob o prisma da tragédia: um ensaio sobre a singularidade da tradição alemã.** Revista de ciências humanas da universidade federal de Santa Catarina, Florianópolis: EDUFSC, ano 22, n. 35,p.57-77, 2004.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Monoteísmo da razão – politeísmo da arte. O mais antigo Programa Sistemático do Idealismo Alemão.** Tradução: Artur Morão, Covilhã, Universidade da beira do interior, 2009.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** Trad. NEVES, Célia; TORÍBIO, Alderico. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

LEPENIES, Wolf. **As Três Culturas.** (tradução Maria Clara Cescato). São Paulo: Edusp, 1996.

LIMA, Renata Mayara Moreira de. **A crítica do mundo moderno em Georg Simmel.** Revista Inter-Legere, n.10, 2012.

MIRANDA, Orlando (Org.). **Para Ler Ferdinand Tönnies.** São Paulo: Edusp, 1995.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental.** In: VELHO, Otávio G. **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SIMMEL, Georg. **O dinheiro na cultura moderna.** In: SOUZA, Jessé, OELZE, Berthold (Orgs.). **Simmel e a modernidade.** Brasília: Editora da UNB, 2005.

SOUZA, Jessé. **Modernidade Seletiva: Uma reinterpretação do dilema brasileiro.** Brasília: Editora UnB, 2000.

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. FERNANDES, Florestan. **Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação.** São Paulo, Ed. Nacional e Ed. da USP, 1998.

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel.** São Paulo: Edusp, 2000.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** Trad. M. Irene Szmrecsányi e Tamás Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira, 1997.

WEBER, Max. **“Parlamentarismo e governo numa Alemanha reconstruída.”** in **Textos Escolhidos.** Trad. Maurício Tragtenberg. São Paulo: Nova Cultural, Os economistas, 1997.

